

Omnia

Marco Lucchesi

POEMAS



BIBLIOTECA AZUL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Clio
Marco Lucchesi



BIBLIOTECA AZUL



Copyright © Marco Lucchesi, 201

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de bancos de dados, sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Editor responsável: Ana Lima Cecilio
Editor assistente: Erika Nogueira Vieira
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Capa e projeto gráfico: Mayumi Okuyama

Desenho na página 18: “Marco Lucchesi e os olhos do deserto”, de Ana Miranda.

1ª edição, 2014

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

L969c
Lucchesi, Marco, 1963-
Clio / Marco Lucchesi. - 1. ed. - São Paulo : Biblioteca Azul, 2014.

isbn: 978-85-250-5972-7

1. Poesia brasileira. I. Título.

14-16179 cdd-869.91
cdu-821.134.3(81)-1

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S. A.
Av. Jaguaré, 1485
05346-902 – São Paulo –SP
www.globolivros.com.br

Table of Content

[Capa](#)
[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Dedicatória](#)
[Prefácio - Alfredo Bosi](#)
[Prólogo febril](#)
[Índias](#)
[Sebastian Inn](#)
[Deli](#)
[Vida](#)
[Impressão](#)
[Hotel Adis Abeba](#)
[Dissoluto](#)
[Clio](#)
[Passar de céu](#)
[Insônia](#)
[Cartago](#)
[Ofício](#)
[Sono Branco](#)
[Fragrância](#)
[Esconder](#)
[Miopia](#)
[Camões](#)
[Espessura](#)
[Trevas](#)
[Ópera](#)
[Perdão](#)
[GPS](#)
[Contraste](#)
[Incerteza](#)
[Luz](#)
[Tigrina](#)
[Gênese](#)
[Dormir](#)
[Memória](#)
[Violais](#)
[Muitas](#)
[Serenó](#)
[Onda](#)
[Ensaio](#)
[Não Dormir](#)
[Vigília](#)

[Confissão](#)

[Noluntas](#)

[Lei](#)

[Notas](#)

Clio e Insônia na poesia de Marco Lucchesi

Alfredo Bosi

Clio e Insônia, a História que tudo penetra e a imaginação que se mantém vigilante mesmo nas horas noturnas – eis o enlace de opostos que em *discordia concors* se enlaçam para criar a poesia de Marco Lucchesi.

A História vem primeiro. O poeta, que já percorreu tantas paisagens e as disse em tantas e diversas línguas, agora aponta a sua bússola para o passado entre real e mítico de Portugal. Tudo começa à beira do Mar Oceano, promissor mas tenebroso, rota das Índias e de naufrágios,

Essa descida ao âmago da experiência de temerários navegadores é contada no plano dos acontecimentos remotos e na esfera do imaginário em que se inscreve a palavra do poeta.

No coração da memória está a viagem às Índias, aquele mundo remoto e fabuloso que incendiou a imaginação dos lusíadas:

*Perdidas
no caminho
para as Índias
passam
as naus
desertas
pela noite escura:
afogam-se/oficiais/corsários/capelães*

À grandeza sem par das conquistas d’el Rei sucede o desastre do jovem príncipe desaparecido nos areais de Alcácer Quibir. A glória se desfaz em luto. A luz esconde-se por trás da névoa espessa. A História cede ao mito. E do mito de Dom Sebastião, o sempre Esperado, o sempre Encoberto, profetizado nas trovas do sapateiro Bandarra, emerge a poesia. De Camões a Fernando Pessoa, tudo é bruma que o gênio de Antonio Vieira procurou em vão dissipar.

Marco interioriza essa teia de enigmas na sua lírica silabada em que ressoam cadências *ungarettianas, luquesas*;

*Não tenho novas
de bandarras
que se tornem
profecias
nem
de quem possa
desatar
o quinto império
da névoa espessa
por onde
se dissolve
a língua em que me afogo*

Nesses versos de sonho e sangue prenuncia-se a passagem da poesia de Clio para a poesia de Insônia. À medida que se lê a meditação pungente expressa na abertura do livro, vai crescendo no leitor a certeza de que a História acontece fora e dentro da voz lírica. Objeto e sujeito encontram-se e fundem-se como sempre se dá na verdadeira poesia.

As praias e as ilhas, o escolho e os sargaços, o mar e as areias, em suma, a paisagem marítima que está no cerne do imaginário luso, é acolhida na alma insone do poeta, que a transfigura em imagens e modulações de sentimento.

A carta de achamento quinhentista torna-se o lugar “onde me perco”. O que é a perfeita metáfora do ser em perpétua oscilação entre o polo do encontro e o polo do desencontro, norte e desnorte, ora simultâneos, ora sucessivos:

*E
quando começo
a buscar
mais longe
me vejo.*

E mais adiante:

*Trago nos olhos
o clarão
de um mundo inacabado*

Insônia: um trabalho árduo de busca e achado do que T.S. Eliot chamou, com precisão, “correlato objetivo”. A figura traduz no seu corpo concreto de imagens a vivência, que de outro modo não alcançaria comunicar-se com força e nitidez. Exemplar, nesse sentido, o poema “Contraste”, no qual “o fundo claro de teus olhos” está acoplado com “as cordas tensas do destino”. A imagem humanizada dos olhos remete ao mais enigmático dos termos que designam a vida humana: destino.

O mesmo se pode dizer do poema “Onde”. Aqui a imagem é a da maresia, e a vivência é a da insônia. Com isso, a experiência de cada um de nós é como que prismatizada na riqueza de perfis que só a imagem poética consegue oferecer.

Clio e *Insônia* – só o tempo dirá se nesta obra tão original e densa Marco Lucchesi atingiu o ponto mais alto de sua carreira poética. Mas certamente a sua juventude espiritual nos dá seguras esperanças de que o poeta se encontra apenas “*nel mezzo del cammin*”.



Prólogo febril

A história é a poesia em escala mais ampla

jacob burckhardt

Índias

As praias livres de Coromandel.

E de repente

Começo a perder-me no golfo sinuoso

de teus seios, Déli: sublime / selvagem.

Sob este céu azul da Prússia

como terra molhada pela chuva

eu bebo tua férvida nudez.

Sebastian Inn

No quarto ruidoso do *Sebastian Inn*: manchas amarelas/ verde musgo:

dois tragos de soda e cigarros.

Súbita dor de cabeça. Febre vermelha.

Procuro

no espelho do hotel

a fonte em que se apuram meus enganos.

Deli

Vermelho fim de ocaso

o sol pôs-se a brilhar sobre a cidade antiga

Havia apenas flores mortas

nas ruas inquietas de teu coração

Tão rija a noite, como a pedra,

e tanta a sua beleza, sem almas e

demônios, que dissolvam o escuro dédalo

por onde os olhos choram

Vida

Amanhecidas tentações

prelúdios de treva e adesão ao corpo. Moldá-lo

na luz de sua antiga juventude

amada pelos deuses



Impressão

O corpo de Laura

banhado de nuvens, corais,

bosque de sedução para os olhos meninos, que não sabem
onde melhor possam empregar a vista.

E todavia era uma parte de amar:

um sonho, uma impressão evanescente.

Hotel Adis Abeba

Um animal feroz e arredio: um fiat vermelho, de altivos faróis,
tração nas quatro rodas, a cuspir centelhas. Devora
as palmas da glória

olhos de lince/ dentes frementes.

Pérfida flor, que se despenha
incisiva, em queda impressionante.

W

Chego ao *Adis Abeba*:

bordel de putas inquietas, que bebem, sôfregas, taças de fel.

A história é uma esfinge a erguer atrás do sol
as velhas pálpebras.

Sou um cliente sombrio / outonal.

Quanto te devo, pérfida Clio? \$\$\$

Dissoluto

Ruge a fera impura no fosso dos milênios,

muge ríspida e escura na trompa dos séculos.

Um copo de licor Preste João – com seu rumor de áspide rubra

Dissoluto licor / dissolvente:

a poesia é o mar vermelho do real

afoga-se quem busca a promessa

Clio

com muita razão e causa temos fundada uma parte de nossa obra na arte da marinharia.

Esmeraldo de situ orbis, duarte pacheco pereira

*... And immediately
rather than words comes the thought of high windows*

High Windows, philip larkin

Passar de céu

a céu

migrar de pele

a pele

saltar de sonho

a sonho

Um fio de ouro

e sangue

me desvela

a iminência

de algo

que não sei

Breve longo

raso

fundo

abismo

vago

da palavra

mundo

Meu pensamento

é um porto

de conjuras e naufrágios

No imo

das subidas

profundezas

agarro-me

aos cabelos

dos sentidos

Um torvelinho

voraz

e veloz se abate

nos veios de mim

Perdidas

no caminho

para as Índias

passam

as naus

desertas

pela noite escura:

afogam-se

oficiais

corsários

capelães



Nas ondas

frias

desse mar

sem fundo

com seu colar

de verdes

algas

surge

o espectro

do rei de Portugal

e sorve

como a noite

o fundo vago

do não ser

Bebo

o silêncio

da lua

a pele

e seus apelos

de pedra e chama

e brasa

Bebo

a insônia

dos gatos e a fúria

dos deuses que se apressam

do ser para o não ser

Vogo nas águas do golfo

da infância por onde

mil línguas

de fogo se agasalham

em seus remansos

ilhas e gamboas

Como chegar

ao tempo-quando

de todos

os meus ondes?

O capitão-mor

das analogias de el-rei

sabe como são falhos

e precários

agulhas portulanos esmeraldos

e como não

traduzem

onde

e quando

os marcos

e fronteiras desse império

Por termos nunca usados

nem sabidos

procuro

teu semblante

ao norte

de uma febre ardente

e a lœeste

de uma dor impronunciável

Não tenho novas

de bandarras

que se tornem

profecias

nem de quem possa

desatar

o quinto império

da névoa espessa

por onde

se dissolve

a língua em que me afogo

Na banda sul da linha equinocial

cada ponto

no mapa é síntese

de sonho e sangue

As cartas de marear

mal sabem

de abrolhos tempestades

naufrágio

e perdição

Vejo da gávea

os cimos

do Sanir e do Amaná

] ébrio

nessa perene

volúpia

de espaço [

na bruma

que se abate

sobre torres

sentinelas e atalaias

Vou para o delta

feminino

da linguagem

onde pousam as

naus pera fazer aguada

:

púbis vermelho

raiado

bosque

de perdas lancinantes

↕↕↕

Ó ilha verdadeira

que as latitudes

não atingem

em seu perene desestar !

Um feixe

de prodígios e visões:

nas enxovias de Fez

entre o Mar Roxo e Pérsio

em Lalibela

nas praias

livres de Coromandel

E nesse mar

de pedras bem fragosas:

a carta de achamento

onde me perco

Não tenho

novas del-rei



apenas

indícios

Sigo a espessura

da sombra

e a quadratura do real

] e se não sou mais

de mim quantas partes desse

não ser-me já me disseram

adeus? [

Terra de silêncio

ventura e promessa

E

quando começo

a buscar

: mais longe

me vejo

Sou um vassalo

da língua portuguesa

e guardo

no erário da memória

o desassombro

das feições de el-rei

Trago nos olhos

o clarão

de um mundo inacabado

Ah! se os de Hespanha



como as Áfricas

famintas

fomes e sedes

e as esquadras

já são partidas

:

soubessem

se afligem nos teus olhos ...

Padeci grandes

de el-rei

Sou filho
das marítimas

distâncias

na volta do eu infante

ao brilho

do graal

Sei que o tempo é um mar

sem fundo

e livre de baixios

que se percorre

em braços e jamais

se acaba

em léguas

olvidos

e ladezas

Não se retrata

da erronia em que se perde

nem é matéria

de firmado magistério

As mãos sempre

vazias

perdulário

e os sonhos náufragos

que se despenham

por suas colaterais

constantes rochas

O tempo flui

por angras e baías

em seus distantes

braços afluentes

por onde

passa a líquida vertigem

O tempo é um istmo

que avança

noite adentro

e morre no longe

incerto

das passadas coisas

Migrar de pele

a pele

saltar de sonho

a sonho

Não tenho

novas del-rei

apenas

indícios

Breve longo

raso fundo

meu reino

vive

a dar palavras

ao mundo

O nome Sebastião

é um maço

de ausências malferidas

um feixe

de prodígios e visões

Sigo

os despojos de el-rei

nas noites límpidas

em pleno oceano

pelos sertões

bravios do Brasil adentro

nas costas

rudes da Mina

por onde passam

búfaros gazelas alifantes

Não tenho

novas

del-rei

apenas indícios:

nas montanhas celestes

do Preste João

nas terras pingues

e abundantes do Brasil

por onde avança

mais disperso

o Desejado

Flutua

em precipícios

a palavra Sebastião

e morre a cada frase

em que renasce

nos dilatados

longes

dessa língua

de cravo perfumada

e de gengibre

2009-2010

Insônia

a whole day's journey high, but wide remote

Paradise lost, milton

Cartago

A insônia e seus resquícios:

soníferos, migalhas

Desabam os fenícios

os sonhos e muralhas

Ofício

a superfície em que vou imerso

esta

e não outra

minha profundidade

Sono Branco

assoma

no seio

da tarde

afogada de espanto

e de luz

Fragrância

esse esplendor

primeiro

essa fragrância

antiga

desposa-me

num sonho incandescente

Esconder

seios

púbis

tornozelos

a beleza reclama
o alvor da superfície

] indago

:

a natureza

ama esconder-se ? [

Miopia

teus olhos

doem

fundo

em golfos

distantes

e enseadas

Camões

mais

belo

sol

quando

te

pões

nos rubros

mares

de Camões

Espessura

a selva

espessa

do indeterminado

tangida

de secretas

harmonias

Trevas

sujo de silêncio

ébrio

de silêncio



aclara

as úmidas

cisternas

do coração

Ópera

personagens de

um drama dissonante

:

deus e o nada

] e o coro

de fantasmas desafina [

Perdão

a volúpia

da queda e seus rebanhos

na selva

de perdão e analogia

GPS

essa angústia

de não

saber

me

onde

me

sei

Contraste

as cordas

tensas

do destino

e o fundo

claro

dos teus olhos

Incerteza

essa nuvem

escura

densa e difusa

haverá

céu

esta noite?

Luz

modula

a pupila

nas trevas

o raio

do poema

em sua

tão densa

luz

Tigrina

a noite escura

das origens

ou tigrina

o fervor
das palavras

tecida em amárico

a língua de babel

:

e a cada

pedra

Gênese

a leve

inclinação

na chuva

de átomos

Dormir

um todo

que se agrega

sem fronteiras

Memória

Uma porção intermitente de beleza:

de pronto

me abandono

às linhas sinuosas

Violais

a névoa

adentra os violais do sono:

o casto meio-dia

e as trevas sensuais

Muitas

nos meus domínios

insones

a gente

é pouca

e as alimárias

muitas

Sereno

órfão do mundo

e dos astros

livre

de herança

e desfavor

Onda

a maresia

à beira

página

:

molhe

onde

se rompe

a onda

espessa

da insônia

Ensaio

teu corpo

um mar

de propriedades transcendentas

Não Dormir

eu me dissipo

nas coisas

que congrego

Vigília

deve-se ter grande aviso

e vigília quando

se passa

o cabo

tormentório

dos sonhos

Confissão

Sou da pátria de fronteira
rei de Portugal e Algueres.

Um monarca desigual
sem arautos nem bandeira.

Réu de Algarves Portugal
rei de Algueres e Nenhures.

Noluntas

Pássaros

insones

na ruiva

consonância

do silêncio

Lei

tudo

se

perde

:

só

não se

perde



essa

vontade de perder

Notas

Prólogo febril

Escrito entre dezembro de 2013 e fevereiro de 2014, entre Lima e Nova Déli.

Clio

Trata-se de um poema único, dividido em microregiões. Deve ser lido sem interrupção. Escrito entre 2008 e 2009. Terminado em Riade. Os títulos do sumário resultam de uma visada meramente geográfica.

› *Agulhas portulanos esmeraldos*

Citação dos livros *Esmeraldo de situ orbis* e *O tratado da agulha de marear*.

› *Colaterais constantes rochas*

Do *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*, do Padre João Daniel.

› *Terras pingues e abundantes*

do poema “A assunção”, de Frei São Carlos.

› *Dilatados longes*

de Camões, através de Rocha Pita.

Insônia

Escrito no ano de 2007. Como se fossem velhos cartões postais, que não foram levados ao correio, com algumas citações quinhentistas.